

# “Eu não tenho mais pátria!”: a primeira guerra mundial à luz da propaganda libertária de Angelo Bandoni

“I have no homeland”: the first world war according to the libertarian propaganda of Angelo Bandoni

Bruno Correa de Sá e Benevides\*

## Resumo

Em setembro de 1915, o anarquista de origem franco-italiana, Angelo Bandoni, fundou o jornal *Guerra Sociale*, periódico em língua italiana e em português e que possuiu larga propagação sobretudo entre os trabalhadores da cidade São Paulo, e adquiriu também certa notabilidade no Rio de Janeiro (capital Federal). Em um primeiro momento, foi editado visando difundir notícias sobre o desenrolar da Primeira Guerra Mundial deflagrada um ano antes. Nos anos seguintes, distanciou-se desta proposta passando a assumir papel importante na construção da Greve de Geral de 1917. Tendo isso em vista, a partir de suas publicações, este artigo tem como objetivo destacar e discutir as posições de Bandoni a respeito deste conflito bélico, ressaltando, ainda, a função da imprensa libertária enquanto canal de instrução e informação do seu público alvo, e não apenas de veículo destinado à propaganda revolucionária e à luta por conquistas de direitos.

Palavras-chave: Angelo Bandoni; anarquismo; primeira guerra mundial

## Abstract

In September 1915, the anarchist of Franco-Italian origin, Angelo Bandoni, founded the newspaper *Guerra Sociale*, a periodical in Italian and in Portuguese, which spread widely among workers in the city of São Paulo, also acquiring some notability in Rio de Janeiro. Janeiro (Federal capital). At first, it was edited to disseminate news about the outbreak of the First World War that broke out a year earlier. In the following years, he distanced himself from this proposal, assuming an important role in the construction of the General Strike of 1917. Keeping this in view, from his publications, this article aims to highlight and discuss the Bandoni positions regarding this armed conflict, stressing also the function of the libertarian press as education channel and information from your target audience, and not just as a vehicle for revolutionary propaganda and the struggle for the conquest of rights.

Keywords: Angelo Bandoni; anarchism; first world war

\* Graduado em história pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2015), mestre em história pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2018) e doutorando em história das ciências e da saúde no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Instituto Oswaldo Cruz-RJ.

## Apresentação

Durante as primeiras décadas do século XX, o movimento dos trabalhadores urbanos no Brasil passou por um momento de grande efervescência, principalmente em razão da forte influência exercida pela circulação de ideias pertencentes às esquerdas, como o socialismo<sup>1</sup>, o anarquismo, o sindicalismo revolucionário, e em segundo momento, a partir da década de 1920, o comunismo (Cf.: SAMIS, 2004). Nesse mesmo período, no entanto, os grupos anarquistas demonstraram uma maior vitalidade e difusão, o que pode ser atestado por um número maior de associações dedicadas à propaganda ou à atividade sindical, e da constante presença de ao menos um periódico em circulação (Cf.: OLIVEIRA, 2009).

No solo brasileiro, a difusão do anarquismo ocorreu a partir da década de 1890, em razão de um crescente aumento de militantes vindos do exterior em meio às ondas de imigrantes que chegavam ao país com a finalidade de trabalhar nas lavouras cafeeiras dos latifúndios paulistas (Cf.: SAMIS, 2004). Posteriormente caminharam para o interior das fábricas para suprir a demanda por mão de obra no incipiente parque industrial das duas maiores capitais nacionais (Rio de Janeiro e São Paulo) (ROMANI, 2002, p. 169). Em São Paulo, por exemplo, os primeiros grupos de ácratas eram formados majoritariamente por imigrantes italianos. Já no Rio de Janeiro, o anarquismo se propagaria por grupos de brasileiros, portugueses e espanhóis. Além disso, inúmeros estrangeiros se tornariam adeptos às concepções libertárias em território brasileiro, sem ter tido contato com o movimento em sua terra de origem (BATALHA, 2000, p. 7-24).

Deste modo, nas principais capitais nacionais (Rio, São Paulo e demais Estados do Sul), tornou-se comum a presença de militantes fugidos de suas terras natais em razão de sua atuação política. Traziam consigo as ideias libertárias, sob grande influência das concepções de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), Mikhail Bakunin (1814-1876), Piotr Kropotkin (1842-1921) e Errico Malatesta (1853-1932), e ainda, do mesmo modo, do comunismo, inspirado, sobretudo em Marx, e do sindicalismo revolucionário (TOLEDO, 2009, p. 01).

Durante os primeiros anos da República, os anarquistas estrangeiros ou nacionais estiveram envolvidos na produção de jornais, formação de escolas, organização de sindicatos e de federações, entre outros campos de atuação social seja nas relações de lutas nas fábricas ou em práticas culturais. Via de regra, tais ações tinham como finalidade a propaganda revolucionária e a fomentação de greves gerais, mas, por outro lado, desempenhavam o papel de instruir e informar o público – em geral trabalhadores – sobre as notícias do cenário político, questões econômicas e a conjuntura internacional (Cf.: HARDMAN, 2003, p. 43).

No bojo dessa militância, alguns nomes assumiram notoriedade em face das promônias de suas ações destinadas à organização do movimento operário. Em São Paulo, por exemplo, destaque parcela dos anarquistas de origem italiana que tiveram papel importante

---

<sup>1</sup> Cabe destacar que, além do anarquismo, houve forte presença do socialismo especialmente no interior da comunidade italiana em São Paulo já a partir do final do século XIX. Neste sentido, ver: BIONDI, 1994, p. 06.

tanto na propaganda do anarquismo quanto na formação, organização e instrução da classe trabalhadora, como por exemplo Gigi Damiani, Oreste Ristori, Tobia Boni, Alessandro Cerchiai, e Angelo Bandoni<sup>23</sup>.

Com a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, o anarquista de origem franco-italiana, Angelo Bandoni organizou, em 1915, um jornal chamado *Guerra Sociale*, cujo objetivo era alertar os trabalhadores sobre a ocorrência deste conflito bélico. Apesar de ter atingido notoriedade na cidade de São Paulo e de ter contribuído na deflagração da Greve Geral, o periódico possuiu curta existência (dois anos) deixando de circular em 1917 (Cf.: BENEVIDES, 2018b).

Isto posto, esse artigo tem como proposta discutir alguns escritos publicados por Angelo Bandoni no jornal *Guerra Sociale*, destacando apenas aqueles que veicularam informações gerais e opinativas sobre a ocorrência da Grande Guerra. Tais publicações permitem compreender que a imprensa libertária não desempenhou apenas a função de propagação dos ideais anárquicos e revolucionários, mas também esteve empenhada na divulgação de questões filosóficas, científicas e muitas vezes de notícias sobre a política nacional e estrangeira. Antes de dar início a essa análise, cabe fazer um breve resumo da biografia de Bandoni.

#### **A trajetória libertária de Angelo Bandoni<sup>4</sup>**

Santos, São Paulo, Brasil  
09 de maio de 1900

O som da potente buzina anunciava a chegada de mais uma embarcação no movimentado porto de Santos, que no início do século XX, já era uma cidade pertencente ao então Estado Federativo de São Paulo. Com posição estratégica, localizado ao longo de um estuário protegido do mar na parte interior de uma ilha atlântica, esse porto foi portão de entrada e saída de inúmeros produtos diretamente ligados aos maiores ciclos de crescimento econômico do Brasil.

O vapor que anunciava chegada era um típico navio do *oitocentos*, possuindo toda uma estrutura feita de aço, uma grande chaminé exalando imensa quantidade de fumaça preta e uma bandeira hasteada na popa composta por três faixas coloridas tremulando incessantemente em razão dos ventos que sopravam do mar. Na bochecha da proa, em letras garrafais, carregava o nome *Città di Genova*, identificação de mais uma embarcação da famosa *La Voce*, empresa que por inúmeras vezes e anos navegou por mares sul-americanos costeando o litoral brasileiro,

---

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre a atuação desse grupo de anarquistas, ver: ROMANI; BENEVIDES, 2019.

<sup>3</sup> Sobre Gigi Damiani ver: FEDELI, 1954; sobre Oreste Ristori: ROMANI, 2002; sobre Edgard Lourenroth: KHOURY, 1989; Neno Vasco: SAMIS, 2009; sobre Florentino de Carvalho: NASCIMENTO, 2000 e Angelo Bandoni BENEVIDES, 2018b.

<sup>4</sup> Sobre todas as informações biográficas e fontes documentais de Angelo Bandoni mencionadas neste texto, ver a dissertação de mestrado: BENEVIDES, 2018b.

aportando as principais zonas portuárias do país, sendo responsável, inclusive, pelo transporte de mercadorias e de imigrantes que penetraram no continente.

Apesar da capital paulistana gozar de temperaturas mais amenas, a cidade de Santos, por ser litorânea e encontrar-se na altitude do nível do mar, possui condição climática tropical. Na ocasião da chegada do navio vindo do porto italiano de Gênova, era um dia típico de outono possivelmente com escassez de umidade e elevação térmica em razão da sensação de calor ampliada pela forte presença do Sol. Tais condições concediam um tom de dramaticidade aos passageiros que aguardavam o desembarque, já que as viagens ocorriam em condições desumanas. Em média, em fins do século XIX, um deslocamento feito por vias marítimas entre a Itália e o Brasil durava entre 21 a 30 dias. Além disso, os vapores que faziam a travessia transportavam um número “de passageiro superior em até um terço de sua real capacidade” (TRENTO, 1989, p. 44).

No porão do *Città di Genova*, local destinado àqueles que vinham na terceira classe, as condições infames e o calor dos trópicos eram agravados pelo ambiente fechado que obstava a penetração da mais leve brisa do mar. No segundo dia de viagem já não havia onde pisar, pois poças de vômitos espalhavam-se por todos os lados em decorrência dos enjoos causados pelo balanço do mar (GATTAL, 1994, p. 116). Foram nessas condições que o passageiro de número 14, Angelo Bandoni, atravessou o Atlântico e desembarcou no Brasil. Com uma compleição magra e alta, possuindo “cabelos e barbas negras”, chegou sozinho e com a idade de 32 anos, deixando para trás uma vida inteira no velho mundo, porém, com os olhos cheios de esperanças e ao mesmo tempo incertezas do que encontraria na República brasileira.

A sua aproximação com o anarquismo ocorreu na Europa, mas se aperfeiçoou na América, encontrando neste continente um grande espaço de oportunidade, onde as suas inspirações anárquicas serão relativamente aceitas, especialmente entre parte da comunidade italiana presente em São Paulo. Portanto, se pudesse resumir, o Brasil para Angelo Bandoni foi, em primeiro lugar, um refúgio e depois um local onde pudesse falar e contar um pouco sobre o anarquismo, isso porque para as autoridades republicanas, ele era apenas um trabalhador agrário, mas por debaixo dos panos escondia uma vida pregressa de desobediência e rebeldia (Cf.: BENEVIDES, 2018b).

Depois de horas a fio aguardando a sua liberação no porto de Santos, finalmente Bandoni embarcou em um trem pertencente ao “corredor de exportação”<sup>5</sup>, e dali partiu em direção ao interior de São Paulo, mais precisamente em uma região ao Norte do Estado, também produtora de café, chamada de Águas Virtuosas, cidade esta pertencente ao Município de Altinópolis (Cf.: BENEVIDES, 2008). Encontrava-se, assim, livre para iniciar uma longa jornada pelo Brasil que levaria quatro décadas. Entretanto, essa trajetória não começou em solo paulistano. Na verdade, ela se iniciou 30 anos antes, e por incrível que parece, não na Itália, mas

---

<sup>5</sup> Sistema de malha ferroviária responsável pela articulação entre o porto de Santos, a capital paulistana e o interior rural de São Paulo, servindo como escoadouro de mão-de-obra e produtos (ver: HOLLOWAY, 1984).

em uma cidade setentrional na ilha francesa da Córsega, e para a compreensão do desenrolar dessa trama, é necessário retornar ao seu ponto de origem.

Angelo Bandoni, nasceu em 2 de julho de 1868 em Bastia, uma cidade localizada ao norte da ilha da Córsega na região do mar Mediterrâneo. Vale ressaltar que esta ilha, até o ano de 1769, sofreu grande influência política de diversos reinos, principalmente os italianos ainda não unificados, quando a partir desta data passou a pertencer ao domínio da França (REY, 2008, p. 05). Essa informação possui grande relevância, na medida em que demonstra ser Bandoni francês de nascimento, mas de cultura italiana.

Apesar de ter nascido na Córsega, este tinha origem italiana por parte materna e paterna, pois ambos eram de Livorno. Após seu nascimento, a família Bandoni viveu na ilha francesa por mais 18 anos, quando ele, seu pai (Giovanni Bandoni) e seu irmão migraram em direção à Itália.

De Bastia, a família Bandoni chega à cidade de La Spezia onde se estabelece no ano de 1886. A trajetória de Angelo na Itália é um conjunto de “idas e vindas”. No momento em que aporta na península itálica, o anarquismo estava fervilhando e sofria intensa repressão por parte das autoridades italianas. No final do século XIX, o país era possuidor de uma massa trabalhadora ainda predominantemente agrária e artesã, que passava por grandes dificuldades e uma miséria crescente. O processo de industrialização na região norte do país e as periódicas crises econômicas geraram um expurgo de proletariados desempregados provocando uma profunda desigualdade social e entre regiões<sup>6</sup>.

Tais condições favoreceram o desenvolvimento do movimento anarquista, sobretudo nas regiões da Toscana (seu berço), Firenze, Prato, Livorno, Massa, Carrara e dali foi ampliando o seu raio de propagação por toda a península até 1898 (LEVY, 1999, p. 07), quando experimentou o seu processo de enfraquecimento em razão de uma intensa repressão. Fator preponderante no desenvolvimento dos ideais libertários foi a passagem de Bakunin na Itália entre os anos de 1864 a 1867, cujos ensinamentos colaboravam na formação de dois dos maiores expoentes do anarquismo italiano – Malatesta e Carlo Cafiero (PERNICONE, 1993, p. 03-04).

O jovem Bandoni não tinha endereço e nem destino certo, transitando por distintos lugares da costa tirrênica norte italiana. Todos esses sítios inclusive sob grande influência do anarquismo. Depois de constatar a sua primeira aparição em La Spezia (1886), os registros policiais apontam que ele havia sido preso na comuna de Lucca (1887), na região da Toscana, por contrabando de moeda falsa, permanecendo privado de sua liberdade até final de 1890, quando, após ter cumprido a sua pena, retornou pela segunda vez a La Spezia.

No mesmo ano que foi posto em liberdade, Bandoni foi novamente condenado a cinco anos de reclusão por furto, roubo e uso de documento falso. Só que desta vez cumpriu pena na Argélia, colônia administrada pelo Estado da França, já que era francês nato. Em 1895, após ter saído da prisão, retorna pela terceira vez a La Spezia, ocasião em que foi mais uma vez detido

---

<sup>6</sup> Sobre a Itália na segunda metade do XIX, ver: BIONDI, 2011, p. 39-40 e HOBBSAWM, 2013, p. 183-184, para uma compreensão do universo proletário neste mesmo período.

(por nove meses) e definitivamente expulso da Itália<sup>7</sup>. Entre os anos de 1895 a 1900 há divergências nos registros policiais. Uma versão menciona que durante este período migrou clandestinamente para a Argentina, retornando à Itália anos depois. A segunda versão diz que veio para o Brasil e posteriormente retorna à comuna de La Spezia.

Em maio de 1898, uma forte onda de repressão assolou os anarquistas. Com a deflagração da revolta contra o aumento do pão, as forças do rei Umberto I (1878-1900) acertaram o cerne do movimento libertário na tentativa de reprimir os “subversivos”. Desta forma, iniciou-se uma sequência de expulsões e prisões por todo o país. Ademais, foi necessário empurrar essa massa proletária para um lugar distante e amenizar as tensões internas, o que foi providenciado pelo governo italiano através da imigração em massa para a América (LEVY, 1999, p. 06). Foi exatamente nesse contexto conflitante e de grande repressão, que Bandoni teve a sua expulsão decretada e partindo compulsoriamente em direção ao novo Mundo, chegando ao Brasil em maio de 1900.

Em terras brasileiras, as suas ações libertárias tiveram maior ênfase na propaganda e na informação dos trabalhadores. Tanto é assim, que durante o período de permanência no país, escreveu em diversos periódicos<sup>8</sup> e também foi responsável pelas edições de alguns outros que ganharam notabilidade. Além disso, realizou conferências, organizou escolas e ainda teve tempo para escrever poesias. Tais práticas, além de privilegiar o prazer e o entretenimento da classe trabalhadora, buscavam convencer, por meio da propaganda, o seu público alvo da “necessidade de emancipação social” (HARDMANN, 2003, p. 13-14 e 32).

Além de grande articulista, Bandoni também tem sido reconhecido por suas ações no campo da educação libertária. A sua prática pedagógica, que vai se aperfeiçoando e se profissionalizando com o decorrer do tempo de estadia no Brasil, ganhou reconhecimento, inclusive, no interior da comunidade italiana da qual fez parte.

Após ter-se deslocado do interior paulista em direção ao centro urbano da capital paulistana, Bandoni passa a ser reconhecido pela alcunha: o “professor”, tamanho o seu vínculo com a arte do ensino. Essa experiência pedagógica foi sendo adquirida na prática cotidiana e na aplicação de um método específico baseado em suas leituras (Cf.: BENEVIDES, 2018a).

---

<sup>7</sup> Uma das características essenciais do proletário italiano do final do novecentos foi o estabelecimento de um nexo entre o pensamento e a ação, onde a camada mais baixa do proletariado, os *braccianti* (trabalhadores, jornaleiros ou boia-fria), em “contato com um discurso teórico do socialismo, apropriou-se gradativamente das premissas teóricas anarquistas rejeitando, porém, as práticas de luta da pequena burguesia”. O modelo de reação adotado por esse novo contingente anarquista contra a “exploração de quem os dominava passou a ser sistemática: a realização de furtos campestres e o incremento dos bandos armados” (ROMANI, 2002, p. 32). Isso ajuda compreender a ficha criminal de Bandoni repleta de condenações e as características de suas ações de militâncias na primeira fase de contato com o anarquismo.

<sup>8</sup> Como por exemplo: em 1900, participa de alguns artigos no periódico *Palestra Social*. A partir de 1904, contribuiu recorrentemente nas páginas do implacável jornal editado por seu grande companheiro de luta Oreste Ristori, *La Battaglia*. Em julho de 1913, também faz presença no periódico organizado pelo anarquista Alessandro Cerchiai, *La Propaganda Libertaria*.

## A primeira guerra mundial à luz da propaganda libertária de Angelo Bandoni

Durante todo o período de estadia no Brasil, Angelo Bandoni viveu e ganhou a vida falando sobre o anarquismo. A paixão e a convicção por suas ideias eram tantas, que mesmo quando exercia atividade remunerada, aproveitava para voluntariamente propagar o anarquismo. Isso foi o que aconteceu em 1908, quando ao trabalhar como vendedor ambulante de filtros, ao passar de porta em porta, aproveitava o ensejo para, disfarçadamente, distribuir a edição de algum periódico libertário recém-chegado da França, da Itália e da Espanha e os de São Paulo e Rio de Janeiro (BATINI, 1991, p. 55).

Quando o famoso grupo do *La Battaglia* encerrou as suas atividades em setembro de 1912, os anarquistas em torno do jornal ainda tentaram dar uma sobrevida ao periódico, que a partir daquela data passaria a circular com o nome *La Battaglia-La Barricata*. Contudo, apesar desse último esforço, em outubro de 1913, definitivamente esse órgão de imprensa teve a sua veiculação abandonada (FELICI, 1994, p. 283).

A partir de julho de 1913, Damiani, Bandoni e Cerchiai, se empenharam na formação de um novo jornal, que receberia o nome de *La Propaganda Libertaria*, e que basicamente sustentaria posição contrária às organizações sindicais e traria notícias sobre a conjuntura política europeia. O periódico possuiu curta duração deixando de circular em dezembro de 1914 (BIONDI, 1994).

Em julho de 1914, em uma de suas viagens pelo interior para divulgar o *La Propaganda Libertaria*, mais especificamente na cidade de Bauru, Bandoni participou de um comício cuja finalidade era alertar aos mais jovens sobre a necessidade de não aceitarem ser “carne de canhão”, ou seja, de recusarem ir lutar na Europa na Primeira Guerra Mundial:

E isso quando nosso país se preparava para entrar nesse mesmo conflito de 1914-17 e à mesma cidadezinha de Bauru aportava o ácrata italiano Angelo Bandoni, o qual numa noite de domingo subia ao coreto da praça Rui Barbosa e corajosamente – eram os tempos do ferrenho Partido Republicano Paulista, que torturava políticos da oposição nas masmorras do bairro do Cambuci, também denominada ‘a Bastilha’ – se dirigia num mesmo alerta aos jovens da Linha de Tiro 275, ali fundada por inspiração das jornadas cívicas do poeta Olavo Bilac (BATINI, 1991, p. 25).

O discurso inflamado realizado em praça pública foi interrompido por uma enxurrada de vaias e por gritos chamando Bandoni de estrangeiro traidor ao passo que lhe atiravam pedras, tudo na tentativa de inibir o prosseguimento do comício (BATINI, 1991, p. 103).

Na edição publicada em dezembro de 1914, o *La Propaganda Libertaria* trouxe, nas suas páginas, um longo artigo de Angelo Bandoni, intitulado *A Guerra Europeia*, cujo teor seria uma detalhada explanação sobre o conflito internacional no velho mundo e que teria acarretado a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Esta temática seria, a partir de então, muito explorada por Bandoni, onde as suas análises ficariam centradas em problematizar a respeito do

capitalismo, do desenvolvimento industrial, do aumento do poderio bélico dos grandes países desenvolvidos, da guerra propriamente dita e, finalmente, do nacionalismo.

Em razão desse novo recorte temático que seria explorado por Bandoni, é possível notar que esse momento marcou uma nova fase em seus escritos. Fase essa que imprimiriam em seus textos uma intensa crítica ao nacionalismo, razão pela qual a intitulamos com uma exclamação feita por ele, em um dos seus textos, como protesto contra o patriotismo: *Non ho più patria!* (Eu não tenho mais pátria).

De acordo com o anarquista corso-italiano, a guerra deflagrada em julho de 1914 em solo europeu, rapidamente tomaria proporções maiores e se estenderia para o restante do mundo onde a civilização tivesse alcançado um estágio mínimo de progresso. O conflito, para Bandoni, seria uma fatalidade inevitável, cuja ruína faria parte da própria evolução social. O regime “burguês tem feito a sua parábola ascendente: iniciando rapidamente o tombamento, à catástrofe” (*La Propaganda Libertaria*, n. 20, 19 de dezembro de 1914, p. 02 e 03, “*La Guerra Europea*”).

Mesmo com toda a tecnologia e desenvolvimento científico à disposição (“máquinas poderosas, o vapor, a eletricidade, e os comburentes”), que viabilizariam superar muitos dos obstáculos produzidos pelo conflito europeu, ainda assim não seria possível reverter o quadro crítico que vinha sendo desenhado pela conjuntura internacional. Isso, principalmente em razão do processo de militarização e do aumento do poderio bélico dos grandes países (os Impérios alemão e austro-húngaro), que somados ao desprezo concedido à “insistente invocação de paz e de desarmamento partidos da Rússia e da Inglaterra”, tornou o ambiente em um verdadeiro “barril de pólvoras” (*La Propaganda Libertaria*, n. 20, 19 de dezembro de 1914, p. 02 e 03, “*La Guerra Europea*”).

Ainda segundo Bandoni, o mal-estar econômico “crescente das populações, as invencíveis dificuldades de desenvolvimento coletivo – imperante na burguesia” tem fomentado a guerra política, enquanto “que a única reação verdadeiramente resolutive” seria a revolução social, e não um conflito bélico. Que dizer, para o articulista, tendo o embate europeu que tomaria proporções mundiais sido causado pelo capitalismo, a única solução possível para o salvamento do mundo seria o processo revolucionário com a extinção definitiva desse sistema econômico.

Em tom profético, Bandoni traça um panorama de quais seriam os efeitos da guerra, que girariam em torno de inúmeras mortes, mudanças econômicas e de um sentimento de revanchismo entre as nações. Por outro lado, ao final, a Europa ficaria dividida em três regiões (setentrional, central e meridional) e os países, ou seja, as demarcações territoriais, desapareceriam. Quanto à Itália, apesar de sua posição neutra (até o ano de 1915), não ficaria de fora de tais consequências, e que a referida neutralidade em nada contribuía para um possível armistício:

Em primeiro lugar, milhões de jovens com a subsistência prejudicada em uma luta improfícua, tesouros de energias dissipadas sem

necessidade, a resto e desordem na produção e nos comércios, ódio e ressentimentos implacáveis. E, se a guerra for contrária as nossas mais seguras previsões, será apenas europeia. A inconsciência e as paixões mórbidas do proletariado prometem chegar a um epílogo, a quase certeza de uma organização política da Europa em três grandes Estados: o setentrional, o central e o meridional...

Então, adeus Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Portugal, Espanha, Andorra, Sérvia, Bulgária, Romênia, Montenegro, Turquia, Grécia, Albânia, Mônaco e San Marino; adeus grandes potências beligerantes derrotadas!...

E a Itália?!...

A Itália, porquanto a sua atitude neutra, considera-se como uma grande potência em conflito.

(...)

A neutralidade da Itália é inócua (...) (*La Propaganda Libertaria*, n. 20, 19 de dezembro de 1914, p. 02 e 03, “*La Guerra Europea*”).

Bandoni finaliza o artigo com uma série de questionamentos que servem para que o leitor tenha uma síntese de suas proposições e de tudo que havia sido exposto. Outrossim, possuía certeza de que a guerra não se transformaria em uma revolução social, pois muitos anarquistas, socialistas e internacionalistas tinham deixado se encantar pelo momento e passaram a apoiar o conflito:

O ALBA ROSSA

(...)

Seja como for, a guerra eclodiu, faz massacre e se perpetua.

- Durará muito tempo? Horrível!

- Por quê? – porque não é mais possível concretar a base do acordo pela paz, e a paz é o sudário do nacionalismo moribundo.

(...)

- E a guerra se estenderá além dos confins europeus?

- É certíssima, pois o nacionalismo é a razão desses fatos; a guerra política será sufocada pela guerra civil; pela revolução social.

- Impossível!...

O fato que muitíssimos internacionalistas revolucionários, socialistas ou anarquistas tem deixado sugerir, encantar, trair pela corrente do momento, não se surpreende, nem se acorda; é um fenômeno de psicopatia que em menores proporções, tem os seus elementos de prova bem conhecidos.

(...)

Esperamos as doces duchas das mais negras decepções; as derrotadas irreparáveis, os bombardeamentos, os incêndios, a fome, as epidemias... Oh, ainda, o espírito revolucionário soprará para tomar o controle.

(...) (*La Propaganda Libertaria*, n. 20, 19 de dezembro de 1914, p. 02 e 03, “*La Guerra Europea*”).

Se por um lado partes dessas análises elaboradas no calor dos fatos se confirmariam, por outro, algumas acabariam se afastando dos acontecimentos que se desenrolariam nas próximas décadas do século XX que estava apenas começando. Entretanto, dentre aquelas que se ratificaram, talvez a que previu o prolongamento do conflito merece destaque, pois os anos

que se seguiram mostraram ao mundo novamente um processo de militarização da Alemanha e o surgimento de mais um grande conflito mundial (com a Segunda Guerra).

O período entre 1915 a 1919 foi de intensa atividade para o movimento operário, uma vez que a Revolução Russa de 1917 adicionou aos debates sindicais uma dose acessória de entusiasmo e, com manifestações públicas de apoio ao processo russo, “os sindicalistas revolucionários interferiram ainda mais na cena pública das principais cidades do país”. Somado a isso, a conjuntura de guerra mundial (1914-1918) e um certo aquecimento do setor industrial, “colaboraram para que as manifestações dos operários assumissem caráter, por vezes, insurrecional” (SAMIS, 2004, p. 138).

Entre os anarquistas italianos de São Paulo, a guerra mundial que eclodiu em agosto de 1914 não foi uma preocupação central entre aqueles que escreviam no então jornal *La Propaganda Libertaria*, apesar dos esforços de Angelo Bandoni. Essa atitude apenas viria a mudar quando a Itália entrou na guerra, em maio de 1915. Exatamente dentro desse contexto que, em setembro do mesmo ano, foi organizado por Bandoni um novo periódico denominado *Guerra Sociale*, cujo foco principal, em um primeiro momento, seria praticamente a guerra (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, “*Per Guerra Sociale*”).

Os escritores que atuavam no *Guerra Sociale* eram quase todos italianos, exceto o espanhol Florentino de Carvalho, cuja cooperação no jornal foi frequente e de grande importância. O periódico foi dirigido inicialmente por Angelo Bandoni, e, em um segundo momento, como já tinha acontecido com o *La Battaglia* e o *La Propaganda Libertaria*, Gigi Damiani assumiu a sua gestão (DAMIANI, Gigi, “*Dichiarazione*”, *Guerra Sociale*, n. 23, 20 de julho de 1916). Com o desabrochar dos anos, todavia, esse veículo de notícias passou a acompanhar mais de perto as notícias da vida social do operariado paulistano deixando as notícias internacionais em um segundo plano. Isso foi claro a partir dos meses de maio e junho de 1917, quando a tensão em São Paulo aumentou em razão do contexto de emergência de greves por toda a cidade (FELICI, 1994, p. 206).

No editorial da primeira edição, Bandoni chamava a atenção dos trabalhadores para o conflito internacional, e defendia a importância e a necessidade de se manterem contrários ao embate militar:

#### AOS ANARQUISTAS

Aos revolucionários conscientes irresolutos, de qualquer tendência política  
A todos os intolerantes da barbárie militar e ao governista que funesta a humanidade

#### Companheiros!

Enquanto o mais formidável dos flagelos humanos, registrados pela história, investe e rompe os ordenamentos econômicos, políticos, morais e religiosos da civilizadíssima Europa; enquanto um pesadelo de terror e de consternação pesa sobre toda a humanidade, trepidante pelo visível amadurecimento dos acontecimentos transcendentais; enquanto destas terras de exílio os transatlânticos partem cheios de

tímidos e de ilusões, a nossa abstenção, ascético e puramente negativo, além de uma vergonha, é uma inqualificável covardia!... Por onde tem andado para acabar os nossos mais orgulhosos propósitos de luta a todo custo contra todas as formas de opressões veladas e arrogantes?... (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01).

Na publicação, mencionava que a guerra se tratava de um conflito entre as nações europeias, e que a noção de nacionalismo e pátria seria apenas uma enganação da burguesia. Ademais, repetiu as suas teses proferidas no periódico *La Propaganda Libertária*, ao mencionar que a referida guerra poderia se transformar em um grande conflito civil:

Nós não queremos lutar na defesa de uma pátria, porque a pátria é uma mentira convencional, um anacronismo evolutivo, uma prisão para todos os deserdados; nós prevemos que esta guerra se estenderá a todos os organismos capitalistas e essa guerra se tornará mundial, que terá como epílogo a guerra civil, e muito provavelmente, a Revolução Social... E deixamos que os mistificadores da imprensa mercenária prossigam, a vontade, para desafiar os ingênuos filhos do proletariado vadio e a ameaçar as probabilidades refratárias com fantasma da falsa posição jurídica (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01).

Os trabalhadores, de qualquer vertente política, deveriam aproveitar o momento e lutar “com coragem consciente pela legítima defesa”, desejando que a então grande guerra militar se transformasse em uma verdadeira Guerra Social “com visão serena e segura da redenção civil do proletariado de todas as pátrias”. Ao concluir, afirmou o articulista, “lutaremos sem consternação, inexoravelmente, até o último anseio: ou a liberdade ou a morte” (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01).

Ainda nesta mesma edição do *Guerra Sociale*, Bandoni publicou um artigo onde novamente a pátria seria objeto de sua análise. Ironicamente, inicia o seu discurso afirmando: “Se tal [local de nascimento] é a pátria do homem sinto-me, portanto, obrigado a amá-la; eu também eu estou disposto a gritar: viva a Córsega! Porque nasci em Bastia”. E, a partir daí, realizou um breve relato sobre a vida de sua família na ilha francesa, mencionando que as míseras condições de sobrevivência impeliram a saída de sua terra natal, e que a “amada nação” não foi capaz de fazer nada para assisti-los. Por conta desse fato, argumentou o autor, não possui mais nacionalidade:

Mas quando recordo que ainda pequenino, via o meu pobre pai trabalhar como um condenado, por não ganhar tanto o suficiente para sustentar os animais. Quando penso naquele maldito *Monte de Piedade*, sempre que minha mãe, com os olhos vermelhos e inchados de pranto, corria para vender os lençóis ou das indumentárias humildes, para nos alimentar, enquanto os vizinhos davam, aos seus cães pratos fundos de todo tipo de comida, quando penso que para não morrer de inanição, tivemos que fugir do país nato e emigrar sem direção, incompreendidos e ridicularizados em todo lugar, então amaldiçoo todas as pátrias e me inflamo de santa indignação contra

todos os paladinos, astutos ou idiotas, da pátria íntegra (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01, “*La patria*”).

Em seguida, trouxe argumentos sobre qual seria, para ele, o verdadeiro conceito de pátria, e não aquela que serve como “propriedade de especuladores” pertencentes a uma única classe:

Pátria cara!... Gostaria de dar-te até a última gota do meu sangue, mas para ver-te sem proteção, livre para oferecer a todos os teus filhos, os feitos dos trabalhos produzidos e da solidariedade; gostaria ver-te sem barracos, sem prostíbulos, sem prisões, sem doentes, sem abrigos médicos... Rica de escolas, animada pela concórdia, honrada pelos civis corajosos...  
(...)  
Eu não tenho pátria! (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01, “*La patria*”).

Por conta da posição contrária à guerra e pelas previsões sobre o conflito, Bandoni recebeu críticas de outros companheiros que colocaram sob dúvida o seu conhecimento a respeito da política internacional dos países europeus, desqualificando assim as suas opiniões. A censura de seus opositores incidiu sobre a percepção utópica que os anarquistas possuíam sobre a forma de organização política da sociedade. Em defesa, Angelo mencionou que, ao final deste processo, todos poderiam assistir a ruína dos países e o triunfo das utopias:

Os anarquistas têm dito que?!... Pobres homens...esses são os sonhadores, dos ilógicos, dos profetas de meia tigela...qual o vir pode haver nos juízos dos anarquistas?!... Esses não estudam; esses especulam no vazio: as suas previsões, os seus cálculos de origem do renascimento social não são mais que castelos de areia, (...) não percebem o eclodir da guerra na Europa, como predatória cobiça dos impérios centrais; guerra que, ainda que os cegos estão em grau de prevê-la, terminará, o mais rápido possível, como castigo exemplar e meritório dos Estados que a provocaram... E os anarquistas começam a bordar em torno de mil franjas evanescentes, através dos quais todos os enfeitados, como eles, podem antever a ruína da nossa civilização e o triunfo de suas utopias (*Guerra Sociale*, n. 03, 09 de outubro de 1915, p. 01, “*Il valore dei nostri giudizi sulla guerra attuale*”).

Já em relação às acusações sobre o seu desconhecimento a respeito da conjuntura política do continente europeu, Bandoni afirmou que todas as suas conclusões estavam historicamente respaldadas nas considerações do “distinto historiador italiano Guglielmo Ferrero<sup>9</sup>”, que também possuía uma “visão apocalíptica e desorganizadora da conflagração

---

<sup>9</sup> Guglielmo Ferrero foi um historiador e escritor italiano adepto ao radicalismo republicano e coevo de Bandoni. Em 1915 publicou dois títulos provavelmente conhecidos de Bandoni: *La guerra europea. Studi e discorsi* e *Le origini della guerra presente*. Curiosamente, Ferrero foi um grande defensor das ideias da antropologia criminal propostas por Cesare Lombroso. Tamanha era a sua proximidade com o médico italiano, que casou-se com sua filha, Gina Lombroso.

européia”. Portanto, diria Angelo Bandoni, o pensamento dos anarquistas está alinhado aos “conceitos de todos os pensadores idôneos e especializados no mérito a causa eficiente e as consequências da terrível conflagração” (*Guerra Sociale*, n. 03, 09 de outubro de 1915, p. 01, “*Il valore dei nostri giudizi sulla guerra attuale*”).

Na edição seguinte, Bandoni torna a publicar seu texto sobre a guerra, suas causas e efeitos, reafirmando que o grande conflito “que consterna e perturba a humanidade, é o princípio do fim da irreparável bancarrota de todos os princípios autoritários: é a *Alba Rossa* pelo protesto Social”, e que “se estenderá, ameaçador, esmagador, através do Atlântico, através do Pacífico, vencendo todas as resistências, esmagando inexoravelmente todos os sagrados institutos da civilização decrépita”. Para ele, esta seria uma percepção diferenciada do conflito, sendo o momento propício para que os trabalhadores também declarem uma guerra social, pois se tratava de um período de transição e “não poderia terminar, se não com a transformação da propriedade e com a abolição das fronteiras nacionais” (*Guerra Sociale*, n. 04, 23 de outubro de 1915, p. 03, “*Reminiscenze, Previsioni e Speranze*”).

O embate entre os países europeus significou uma nítida demonstração da existência “dos vícios essenciais do regime burguês”, que de forma inexorável o levariam a um estado de fatalidade da evolução social, e continua o discurso afirmando que:

(...)

A sociedade capitalista não é mais capaz de assegurar as condições de vida e de desenvolvimento coletivo. Observadas a desordem caótica que rende na administração dos bens sociais...que coisa poderíamos hoje perder para ser relativamente todos felizes? (*Guerra Sociale*, n. 06, 13 de novembro de 1915, p. 01, “*La nostra orientazione rivoluzionaria in raporio alla grande guerra di liquidazione capitalista*”).

Ao final deste artigo, concluiu que “fenômeno mais certo da dissolução do regime capitalista que nós vemos de fato é o aumento vertiginoso da produção, inversamente proporcional à capacidade do consumo” e que este fato significaria “a ruína da humanidade”. Em outras palavras, o que Bandoni estava tentando explicar aos seus leitores, é que o surgimento das novas tecnologias associado ao aumento da industrialização acarretou a mecanização do processo produtivo nas fábricas, fazendo com aumentasse a produção, dispensasse e ao mesmo tempo barateasse a mão de obra. Assim, com menos pessoas empregadas, menor seria o consumo.

A solução dos grandes impérios capitalistas para o desafogamento econômico foi reiniciar o processo colonizador na Ásia e África na busca por matéria-prima e mercado de consumo. Quando esta solução chegou ao seu limite no início do século XX, as nações entrariam em choque, e a Primeira Guerra representaria uma das facetas do imperialismo iniciado no oitocentos, resultando na Era das Catástrofes, como designou Eric Hobsbawm (HOBBSAWM, 2002).

Na edição de novembro de 1915, a guerra ainda se fazia presente nos textos de Bandoni. O articulista reforçava a ideia de que os trabalhadores no Brasil deveriam aproveitar o embate mundial para iniciar um grande conflito entre as classes. Para ele, esse discurso deveria percorrer e penetrar em todos os segmentos sociais, pois:

Um grito de guerra é o nosso, grito que corre pela cidade, pelos campos, pelas colinas e pelos planos, passa de razão a razão, penetra nos barracos, nas oficinas, se repercute nas casernas e retorna em grito de [...]. Guerra aos nossos carrascos, aos nossos patrões! (*Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915, p. 01, “*Il nostro grido di guerra*”).

Porém, como deveria ser essa guerra social? Bandoni responde a indagação da seguinte forma:

A guerra, cujo nós somos devotos não é a guerra de domínio, de conquista, de colonização, de destruição, (...) e de predomínio político e comercial; é guerra de emancipação, de redenção, de salvação. Não é guerra de ódio, mas guerra de amor; não é guerra de barbárie, mas de civilização, de progresso, de elevação do homem (*Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915, p. 01, “*Il nostro grido di guerra*”).

E que, apesar disso, os operários deveriam manter-se afastados do parlamentarismo, já que este não possibilitava a completa emancipação social, tratando-se, assim, de um jogo onde somente o político era o maior beneficiado.

A partir do início de 1916, o *Guerra Sociale* enfrentou uma série de dificuldades em virtude do alto custo para a publicação e da baixa procura dos leitores. A realidade econômica não facilitava, pois, em razão da guerra, a venda do café brasileiro, considerado à época um produto supérfluo, sofreu quedas significativas no mercado internacional. O custo de vida e a carestia, nesse momento, começavam a subir. Se já estava ficando difícil para o trabalhador sobreviver, contribuir para a circulação de um jornal era um desafio. A solução encontrada por Bandoni foi realizar giros de propaganda pelo interior, buscando assim arrecadar doações, divulgar a anarquia e difundir o periódico. Por outro lado, a situação se agravava em meio a uma onda nacionalista que crescia entre os colonos italianos, e a posição de antiguerra de Angelo não contribuía nesta tentativa de propaganda do periódico (Cf.: *Guerra Sociale*, n. 09, 04 de dezembro de 1915).

Em que pese a tentativa, em razão das dificuldades que se apresentavam, Angelo Bandoni não conseguiu manter-se como responsável da direção e edição do *Guerra Sociale*. Em março de 1916, abandona o posto e em seu lugar assume seu antigo companheiro de militância Gigi Damiani. Sob os cuidados de Damiani, o periódico passaria a deixar de lado as notícias sobre a conjuntura internacional, concederia maior foco nas questões que envolviam a realidade do operariado em São Paulo, e manteria uma política de “portas abertas” para que os libertários de distintas vertentes colaborassem com artigos. Ademais, este anarquista romano possuía posição

diferente em relação aos diagnósticos sociais do pós-guerra, afastando-se das perspectivas que até então vinham sendo defendidas por Bandoni.

Em razão dessa falta de coesão acerca do conflito europeu, o grupo editorial do *Guerra Sociale* receberia uma crítica do socialista italiano Teodoro Monicelli. Como resposta, Bandoni publicou um artigo com o título *Torre de Babel*, mencionando que qualquer veículo da imprensa libertária é formado por um conjunto de vozes, e que nem sempre são uníssonas. Para o articulista, a discrepância de opiniões seria um mero detalhe, e o momento crítico que se aproximava deveria possuir maior relevância nas discussões dos militantes (*Guerra Sociale*, n. 16, 02 de março de 1916, p. 01-04, “*La Torre di Babele*”).

No dia 29 de abril de 1916, o grupo editorial publicou um suplemento especial em comemoração ao Primeiro de Maio. A publicação saiu dias antes da data comemorativa, pois o jornal convocava os trabalhadores para participarem de grande comício no Largo da Concordia, no Brás, marcado para o dia 09 de maio. Na parte da tarde, também seria realizado outro comício de discursos no Largo da Sé, “sob o nariz da burguesia”. O convite foi feito aos operários de todas as categorias e pertencentes aos diversos grupos étnicos existentes em São Paulo. Aproveitou-se ainda para ressaltar o cenário econômico crítico que vinha sendo desenhando naquele período, e novamente a guerra no continente Europeu era invocada<sup>10</sup>, e o proletariado deveria aproveitar o momento para combater a luta social (apesar de publicado de forma anônima, pelo teor do discurso, tudo leva a crer que a autoria do texto pertencia a Angelo Bandoni):

Aos trabalhadores de todos os países.

Austríacos ou turcos, franceses ou russos, saxões ou ibéricos, negros ou brancos – trabalhadores, nossos irmãos ouçam!

(...)

Sobre os vossos interesses diretos, porque ativos entre vós, possam prevenir pela vossa defesa; pela vossa guerra; pela guerra fatal inevitável que precipita pela força das coisas: a guerra dos ventres vazios, contra uma sociedade louca e esbanjadora.

(...)

Aumenta dia após dia o desemprego que gradualmente se reduzem as relações marítimas que nos ligam aos outros continentes, cessando os comércios, faltando as matérias primas, por vontade do capitalismo. As indústrias se fecham com o aumento da crise e o custo de vida aumenta a um preço fabuloso, (...)

(...)

Trabalhadores de todos os países que aqui chegastes expulsos de todas as pátrias e trabalhadores de países não menos estrangeiros, dos vossos companheiros imigrantes, na pátria vossa, reafirmada hoje a vossa fé naquela internacional do trabalho que não pode e não deve ser morta pela loucura do rei e pelo apaziguamento de políticos que mentiram ontem e traíram hoje (*Guerra Sociale*, n. 17, 29 de abril de 1916, p. 07, “*1º de MAIO*”).

---

<sup>10</sup> Além de mesclar as notícias da Guerra com a propaganda revolucionária, em tais discursos há um nítido apelo ao internacionalismo do movimento operário. Sobre o internacionalismo difundido pelos anarquistas do *Guerra Sociale*, ver: SANTOS, 2016.

Bandoni também deixou algumas ponderações no *Guerra Sociale* a respeito do período que antecedeu a Greve geral de 1917 em São Paulo, deflagrada a partir do segundo semestre daquele ano. A sua participação foi importante no período, especialmente por ter feito parte tanto do Comitê Popular de Agitação, quanto do Comitê de Defesa Proletária, criado em 09 de julho, para coordenar o movimento, contando com a participação de anarquistas e de socialistas (LOPREATO, 2000).

Como o momento exigia cautela em razão da intensa atividade repressiva da polícia, os anarquistas do *Guerra Sociale* passaram a publicar seus artigos assinando-os com pseudônimos. No final de junho de 1917, Bandoni, sob o nome de Corso<sup>11</sup>, comentou: “sinceramente: nunca conseguimos ter visto em São Paulo uma agitação tomar vastas proporções como aquela na qual, nos últimos jornais, se tem concentrado quase todo o proletariado paulistano”. O anarquista acreditava que a classe trabalhadora em razão de um aparente conforto não encontraria mais “ânimo e força de pôr uma barreira para alastrar da miséria, abusos e covardias”. Ainda segundo Bandoni, o movimento contrariava as expectativas dos “profetas” que não conseguiam enxergar uma reação feita pelo operariado (“os escravos”), “mas ao fim estes escravos, vítimas da fome, têm encontrado em si mesmos, sem o bastão dos agitadores subversivos, as forças para rebelar-se” (*Guerra Sociale*, n. 53, 30 de junho de 1917, p. 01, “Divagazzioni”).

### **Considerações finais**

Ao fazer uma síntese analítica dos escritos de Angelo Bandoni sobre a Primeira Guerra, é possível notar uma zona de influência de alguns conceitos teóricos, como por exemplo, uma percepção orgânica da sociedade semelhante às estruturas biológicas (traços do organicismo de Spencer e do positivismo de Auguste Comte), a percepção da ciência como parte do processo do desenvolvimento da humanidade que teria, de uma vez por todas, afastado os homens das religiosidades (talvez aqui podemos encontrar um pouco de Nietzsche, em *A Gaia Ciência*, o que não seria algo incomum, pois era autor lido pelos anarquistas no Brasil) e, finalmente, uma compreensão histórica baseada na luta de classes associada a uma interpretação linear e teleológica do tempo (aqui por conta da influência do marxismo). Por essas possíveis associações, concluímos que Bandoni possuía um conhecimento, ou ao menos rudimentos básicos, das teorias que estiveram em voga entre a segunda metade do oitocentos e os primeiros anos do século XX. Esses escritos também permitem evidenciar as múltiplas funções exercidas pela imprensa libertária e por seus articulistas, uma vez que atuavam como canais de instrução e informação da classe trabalhadora. Diversas vezes as notícias tinham o caráter meramente informativo, e em outras ocasiões se acoplavam ao discurso de propaganda revolucionária.

---

<sup>11</sup> Acredito que o pseudônimo seja em razão de sua nacionalidade.

Supondo que esta gama de informações não tenha sido adquirida a partir da leitura direta das obras desses autores, e mesmo que tenha tomado ciência destes conceitos a partir de grandes enciclopédias, ainda assim temos que reconhecê-lo como um indivíduo intelectualizado, um pensador da sociedade da qual fez parte. Mesmo que a sua visão de mundo tenha se limitado aos postulados dos teóricos da época, que em grande parte, nos dias atuais, encontram-se ultrapassados, devemos compreender Bandoni como afinado com as perspectivas sociais daquele período. Tal fato não merece julgamento, pois implicaria incorremos em um anacronismo, já que à época muitos desses preceitos eram considerados a vanguarda e estavam em plena maturidade.

No ano de 1917, a Grande Guerra perdeu relevância na imprensa libertária no Brasil. Os impactos das notícias sobre a Revolução na Rússia proporcionaram a ampliação da realização de Congressos e do aumento na formação de Federações e de deflagrações de greves.

Nesse mesmo ano, o grande evento marcante foi a ocorrência de uma grande greve na cidade de São Paulo. A “Greve Geral de 1917”, como ficou conhecida, contou com participação direta dos anarquistas à frente de diversas associações de classe, reunidos principalmente em torno dos jornais *Guerra Sociale* e *A Plebe*, que agregados ainda aos socialistas que gravitavam no jornal *Avanti!* decidem compor o CDP (Comitê de Defesa Proletária) no intuito de melhor organizar os grevistas e intermediar as negociações. Nesta ocasião, a carestia havia semeado uma profunda revolta entre os operários, inflamando, de certa forma, os espíritos dos trabalhadores contra o governo. Sendo assim, o custo de vida, associado aos baixos rendimentos salariais, oportunizou uma mistura de revolta e êxtase revolucionários, mas essa questão fica para outra hora...

## Referências

### Periódicos utilizados

**Guerra Sociale**, São Paulo.

**La Propaganda Libertaria**, São Paulo.

### Bibliografia utilizada

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BATINI, Tito. **Memórias de um socialista congênito**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991.

BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e. A educação libertária como “nova tendência revolucionária”: as experiências pedagógicas de Angelo Bandoni, **Revista Latino-Americana de História**, vol. 7, n. 19, jan./jul, 2018a.

BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e. **O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018b.

BIONDI, Luigi. **Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BIONDI, Luigi. **La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915**. Tese de Láurea (Historia). Universidade de estudos de Roma La Sapienza. Itália: Roma, 1994.

FEDELI, Ugo. Gigi Damiani. **Note biografiche: il suo posto nell’anarchismo**. Cesena: L’Antitativo, 1954.

FELICI, Isabelle. **Les italiens dans le mouvement anarchiste au Bresil: 1890-1920**. Tese (doutorado) - Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III. Paris, 1994.

- GATTAL, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. Memórias, 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios (1875-1914)**. 16<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KHOURY, Yara Maria. **Edgard Leuenroth, uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista**. São Paulo: USP, 1989.
- LEVY, Carl. **Gramsci and the Anarchist**. New York: Berg, 1999.
- NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho. Pensamento social de um anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- OLIVEIRA, Tiago B. **Anarquismos, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. Tese de doutorado em História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2009.
- PERNICONI, Nunzio. **Italian Anarchism, 1864-1892**. New Jersey: Princeton Legacy Library, 1993.
- REY, Didier. Historique des migrations en Corse depuis 1789. In: PESTEIL, Ph (Org.). **Histoire et mémoires des immigrations en région Corse**. Corte: Université de Corse – Pascal Paoli, 2008.
- ROMANI, Carlo; BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e. A rede dos anarquistas italianos em São Paulo no início do século XX. **Revista Estudos Libertários – REL (UFRJ)**, v. 1, n. 2, p. 31-59, 2019.
- ROMANI, Carlo. Oreste Ristori. **Uma aventura anarquista**. São Paulo: Annablume, 2002.
- SAMIS, Alexandre. **Minha pátria é o mundo inteiro. Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos**. Lisboa: Letra Livre, 2009.
- SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo; COLSON, D. et al. **História do movimento operário revolucionário**. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.
- SANTOS, Kauan Willian dos. **“Paz entre nós, guerra aos senhores”: o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais nos grupos e periódicos anarquistas guerra sociale e a plebe na segunda década do século XX em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016a.
- TOLEDO, Edilene. Imigrantes e operários de origem italiana em São Paulo e em Minas da Primeira República ao Estado Novo, **Revista de Imigração Italiana em Minas Gerais**, p. 1-22, 2009.
- TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. Um século de imigração italiana ao Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

Artigo recebido em 03/04/2020 e  
aprovado para publicação em 08/05/2020